

## **A FANTÁSTICA SUPERFICIALIDADE (A respeito da homeopatia na GLOBO)**

Há algum tempo, milhões de expectadores foram ludibriados pela evocação em um programa dominical de que a homeopatia iria ser “testada” e o teste resultaria em prêmios financeiros milionários. Já bastaria este fato para provocar certa repulsa. Mais uma vez a mediocridade e a indecência da abusiva superficialidade pautaram o tom na TV brasileira.

A análise histórica mostra que esta idéia de “torneios terapêuticos” e “testes” acabam sempre resultando em problemas para os homeopatas – portanto para os pacientes -- quando não chegaram ao status de requisição de interdição de sua prática como aconteceu na Alemanha, França e nos EUA. O mesmo fenômeno se verificou desde o século XIX, repetiu-se com pesquisadores do XX e vem ocorrendo nos últimos 200 anos.

O que será que acontece com esta discussão que jamais se torna suficientemente elucidativa? Por que será que não amadurece? Qual é a natureza desta polêmica que acaba sempre vindo bater as portas do imprevisto e da grosseria superficialidade? Passada a fase de evocar teorias conspiratórias ficamos com uma tendência a examinar a incapacidade que parte da ciência hegemônica têm para aturar contradições.

A homeopatia contraria determinadas regras da farmacologia? Desafia postulados da físico-química? Quer rediscutir o que é de fato curar? Acha que deve haver uma prática de medicina que leve em consideração o sujeito e não só a doença? Valoriza a narrativa e o qualitativo em medicina? Sim, e daí? A homeopatia não está sozinha nisto. Epistemólogos como Thomas Kuhn já mostraram a natureza fluante dos paradigmas que ainda não se firmaram e sua substituição por outros. A ciência é apenas um aspecto que merece ser examinado entre tantos outros, como, por exemplo, a motivação psicológica ou ideológica dos pesquisadores. Tais lutas, que podem demorar séculos, aconteceram com várias teorias científicas. Este seria um esclarecimento respeitoso que enalteceria a inteligência dos telespectadores. Mas desgraçadamente o que esta mídia buscava era a audiência, não exatamente o esclarecimento. Buscar denunciar o que julga engodo ou fraude é lícito – talvez a função mais nobre das mídias em uma democracia representativa -- mas quem controlará a intencionalidade da denúncia? E mais, quem controlará os resultados daquilo que investiga?

Tratar a homeopatia – como foi feito nesta série de programas exibidos pelo Fantástico -- comparando-a com “falsos paranormais” desmascarados e enaltecendo a pífia figura de um senhor que tem a coragem – ou a falta de autocritica – de se intitular “mágico e cético”, coloca todo projeto sob suspeita. Este senhor – um mágico profissional que ganha a vida fazendo uma cruzada pela fé tecnológica -- promete o que não poderá cumprir: que ao final nos mostrará o teste definitivo: “funciona ou não funciona”. Eis um desserviço significativo. Trata-se de um ultraje aos milhões de usuários e porque não dizer uma instrumentalização preconceituosa da opinião pública. Seria certamente inútil dizer que a homeopatia é uma especialidade médica e farmacêutica reconhecida pelos Conselhos Federal de Medicina e de Farmácia, respectivamente. Que é ensinada em Instituições Universitárias, que possui diversas inserções na comunidade científica, que enfim evolui como um conhecimento válido em nossos tempos. Que beneficia milhões e tanto a OPAS

(Organização Pan Americana de Saúde) como a OMS (Organização Mundial de Saúde) a recomendam como uma tecnologia médica válida.

Nos programas subseqüentes o tom foi mais ameno, mas ainda assim colocou-se a ênfase no provisório e na evocação cabotina de que o verdadeiro teste estava por vir. Na linha da ironia poderíamos apenas resmungar. Ora, que desperdício fazer isto em vários módulos, defina-se já o veredicto, emita-se o julgamento sumário como é praxe: “quanto à homeopatia, desta não se pode dizer que funciona nem que não funciona”.

Aliás, anúncios similares tem sido o resultado do infrutífero e desgastante embate entre homeopatas fanáticos e sua oposição irascível, ambos evidentemente equivocados.

Há um pequeno problema aqui, não deveria haver, em ciência, o mesmo gênero de tensão que povoa o imaginário do torcedor dos estádios ou dos militantes partidários. A salutar tensão que existe em ciência é literalmente de outra natureza. Envolve avaliar dialeticamente os fatos, testar hipóteses. Expô-las a contradição, buscar falseá-las e deixar que os argumentos e a inteligência da audiência (e dos usuários) definam afinal o que farão na vida prática com aquelas informações. Usar ou não usar. Confiar ou não confiar. Ou até mesmo confiar duvidando, usar desconfiando.

Por isto mesmo jamais haverá um teste derradeiro, aquela experiência crucial que comprovará ou refutará a homeopatia assim como nunca haverá uma “prova dos nove” para a psicanálise e quiçá até para a própria biomedicina em muitas de suas evidentes contradições. É muito provável que a homeopatia elucide determinados trechos da medicina e da epidemiologia e que seja elucidada em outros segmentos pela genética, pela nanotecnologia e pelas ciências humanas.

É assim que caminha aquilo que outro estudioso de berçários de teorias científicas – Paul Feyrabend -- chamava “pluralidade metodológica” e que os cientificistas não compreendem, vale dizer não aceitam. Sob a razão monológica que os guia, equivaleria admitir – como já chegamos a ouvir – que teriam que “rasgar seus diplomas”. Em sua visão reducionista tudo é preto no branco, é certo ou errado. Para estas mentes não existem contextos ou condicionalidades. Não existe enfim, a possibilidade da quase-verdade. Trata-se afinal de falsos cétricos, pois somente acreditam em sua dogmática incredulidade – que defendem como uma causa -- enquanto o verdadeiro cético dúvida até de si mesmo, de preferência com bom humor.

Os experimentos do médico e pesquisador francês do INSERM, Jacques Benveniste, que faleceu recentemente dia 02 de outubro em Paris aos 69 anos. Benveniste entre outras contribuições, ousou buscar as explicações necessárias para construir um estatuto mais científico para a homeopatia. Suas hipóteses foram e continuam sendo apresentados de foma caricaturesca. No entanto, há aproximadamente dois anos em uma notícia de primeira página do ‘*The Guardian*’ um destes pesquisadores – que na ocasião do *affair* na *Nature* em 1988 havia vilipendiado Benveniste e suas pesquisas – fez uma revisão do trabalho e no mais tradicional estilo *mea culpa* afirmava que aqueles experimentos foram retestados e apresentavam fortes evidências de comprovação empírica, vale dizer, que ele estava certo ainda que com resultados inconclusos. É verdade que Benveniste quase chegou a perder sua

reputação e admitiu falhas metodologias em seu trabalho mas em entrevista a revista “Cultura Homeopática”<sup>1</sup> ele afirmava que valeu correr o risco, pois ele estava mexendo com os mais inconfessáveis preconceitos da ciência: a ignorância sobre o que é o elemento água cujas ligações estáveis ainda não são explicáveis por nenhuma teoria científica conhecida e que o fez formular sua famosa hipótese da “memória da água”. O que mais chamou a atenção quando jornais do mundo todo noticiaram sua morte foi a ênfase na idéia de que ele se tornou piada, entre os cientistas em seu célebre trabalho sobre a "Memória da Água". Teria ainda morrido "convicto" de seus pretensos "devaneios". Benveniste ingressa no rol dos que alimentaram o saber com o progresso de esclarecimentos ainda que o custo tenha sido sua própria reputação. Todo desafio à ciência estabelecida gera num primeiro momento recusa e repulsa. Somente o futuro, sempre mais indulgente e reparador, reserva um julgamento menos preconceituoso com os que ousam lançar dados de incerteza no tabuleiro viciado das convicções.

Mas será que isto “provará” ou “condenará” a homeopatia? Não. Aí reside o engano. Mostra somente que está havendo um progresso de esclarecimentos – uma das características de uma prática científica segundo Gaston Bachelard – e que nos levará a perceber cada vez mais claramente como a homeopatia trata e quais suas perspectivas.

A homeopatia não pretende ser hegemônica, apenas deseja que sua técnica, sua forma peculiar de avaliar saúde e enfermidade possam permanecer sendo investigadas em igualdade de condições com outras terapêuticas. E isto, sem dúvida, ultrapassa a dimensão do que é científico. Penetra em áreas mais amplas como a natureza sócio-política-ideológica das proposições que modulam as culturas e a própria sociedade.

Paulo Rosenbaum  
Editor da Revista *Cultura Homeopática*  
Médico Homeopata  
Chefe do Dept. Científico da EPH  
Mestre em Medicina Preventiva FMUSP  
Doutorando na mesma Instituição.

---

<sup>1</sup> <http://www.escoladehomeopatia.org.br/download/ch01.pdf>  
publicados na famosa *Nature* em 1988 e ridicularizados por figuras como o tal mágico<sup>1</sup> foram muito recentemente comprovados por pesquisadores europeus que evidenciaram a presença – em substâncias ultradiluídas – de informações de caráter provavelmente eletromagnético, nas misturas soluto-solvente, que estavam, muito acima do limiar de dispersão da matéria (conhecido em ciência como número do Avogadro).